

DOSSIÊ TEMÁTICO

**CRIANÇAS EM PESQUISAS QUE SE ARRISCAM, RISCAM E
DÃO PASSAGEM A ABORDAGENS METODOLÓGICAS
BRINCANTES**

Alexsandro Rodrigues¹
Pablo Cardozo Rocon²
Steferson Zanoni Roseiro³
Victor Antenor Ferrari Nodari⁴

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. (...) A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. (...) tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe; e se sabe, me entende. (GUIMARAES ROSA, 2001, p.114;115)

Encontrar-se com uma criança – real, imaginária, fictícia, fabulada, memória ou tudo isso – é sempre dar-se a um turbilhão de palavras, afetos e afecções de horas antigas e das que nos envolvem no aqui-agora. É se colocar em movimentos brincantes por meio de cenas, imagens, memórias, ficções, fabulações, histórias, discursos e narrativas por onde a vida – que não deveria precisar de autorização para o existir – transborda.

Encontrar-se com uma criança é da ordem do tempo, da fragilidade e da criação de forças, de conversas, de bagunças e brincadeiras, e é exatamente isso o que nos faz ocupar essa escrita arisca. Com os limites de nossas apostas e intenções, com as frágeis metodologias de pesquisas e nossas formas de fazer, tecer e problematizar a produção que qualificamos por conhecimento, junto às (contra) metodologias desenvolvidas nos cotidianos, a multiplicidade e a complexidade dos saberes tecidos e (des)tecidos no plano de imanência da vida nos faz olhar de novo para o que supúnhamos já saber e conhecer.

¹ Professor do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional.

² Doutorando em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo e Professor da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

³ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Professor da Educação Básica da Rede Municipal de Educação de Cariacica/ES.

⁴ Estudante de Graduação em Letras Português e Italiano na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Os estudos e pesquisas com os cotidianos nos ajudam a compreender o que temos de mais íntimo, ou seja, nossas vidas, nossas existências e experiências.

E, a nosso ver, nada nos lembra mais da multiplicidade da força da vida que nossos encontros com a vida crianciera que se esgueira em nossas existências. Se há um método que se afirma demasiado científico e que busca as grandes premiações e o reconhecimento universal (GAZETA DO POVO, 2017), há, decerto, outras abordagens e aproximações com outros tipos de interesses e de usos. Essas seriam, talvez, (contra) metodologias tal qual Foucault (2010) anunciava em seu curso *Em defesa da sociedade* como um conjunto de saberes sujeitados que, de repente, veem-se lado a lado e são então capazes de fazer insurreição.

Seja como for, diante do cenário em que as figuras públicas da política brasileira rechaçam os estudos e as pesquisas com as humanidades (G1, 2019), vemos a urgência de afirmar não apenas os conhecimentos produzidos em nossa área, educação, como também e principalmente os traços que nos são únicos: nossas apostas metodológicas.

Vivemos assombrados por ideias de um determinado modo de fazer-pesquisar, que tem desconsiderado a experiência concreta do vivido. Nesta perspectiva, conhecer – produzir conhecimento – é apresentado sob uma ordem representacional onde se conhece por imitação. Assim, o pesquisador é isolado da sua própria vida sob pressupostos de uma pretensa neutralidade em busca de um conhecimento limpo de influências, ideologias, crenças, anseios, vontades. Ou seja, o conhecimento se faz acontecer pela produção de representações pretensamente neutras de um mundo que supostamente antecede pesquisador e objeto.

Francisco Varela (s/d) nos desafia a mergulhar no desconhecido e inesperado cotidiano, porque é nele que experimentamos, agimos e sofremos intervenções, e nesse agir-intervir, produzimos conhecimentos. Em suma, o conhecimento é da ordem da vida vivida, é pelo movimento do conhecer que criamos mundos e modos de viver e pesquisar-conhecer. Daí, então, nossa necessidade de falar das pesquisas que surgem com as crianças reais e fictícias, que suscitam um cuidado metodológico com a memória e com a criação. Ao fazermos essa aposta, consideramos as renúncias feitas em práticas criancieras de pesquisa, as que sabem de seus limites, as que se esforçam em melhor compreender a complexidade do vivido e que estão abertas ao nascimento do novo e a presença do outro. A esse respeito Denise Najmanovich (2003, p.43), diz.





Renunciar à ideia de método único que nos conduza sempre à verdade, e que a garanta, não implica de nenhuma maneira que estamos dispostos a desistir da utilização de instrumentos ou dispositivos, técnicas e procedimentos. Só implica que não anteporemos o método à experiência, que não cremos que haja um só caminho ou um só dispositivos adequado para pensar, explorar, inventar... conhecer. Só renunciamos ao fetiche do método e podemos ainda desdobrar uma infinidade de dispositivos, construir caminhos, trilhas e estradas, ou escolher ir através do campo ou entre o mato, ou preferir o bosque à estrada. Renunciar ao método não implica cair no abismo do sem sentido, mas, abrir-se à multiplicidade de significados.

Nos interessa aprender e produzir conhecimentos crianceiros, estes que nos espiam de perto, tecidos nos *espaçostempos*⁵ cotidianos em “redes de conhecimentos”. Há muito aprendemos, pois, que fazer pesquisa, não diz respeito aos que se elevam ao *status* de cientistas. Descartamos destarte essa ideia demasiado centrada! Antes, há de se perguntar por que essa ideia de conhecimento em redes tanto nos interessa. Em que ela nos ajuda ao pensarmos as vidas não qualificáveis e as formas de produção de subjetividade que transborda ao já dado, visto, classificado e catalogado? Quem nos responde estas perguntas é Nilda Alves (2015, p.185), quando diz:

A multiplicidade e a complexidade de relações cotidianas [...] nos indica a necessidade de incorporar a ideia de que somos uma rede de subjetividades formada em inúmeros contextos cotidianos [...]. Nesse sentido, em redes de conhecimentos e em processo a que poderíamos chamar de tessitura de conhecimentos em redes tecemos nossos conhecimentos com os conhecimentos de outros seres humanos, permitindo, assim a produção/criação de novos conhecimentos. Por isso mesmo, não só não podemos identificar todas as origens de nossos tantos conhecimentos como todos eles só podem começar a ser explicados se nos dedicarmos a perceber as intrincadas redes nas quais são verdadeiramente tecidos, enredados.

Mas, não é só isso! Ao apostarmos nos estudos com os cotidianos e com a vida que ali se faz acontecer transbordando, o que nos interessa são os sujeitos praticantes, a expansão da vida crianceira, a produção de conhecimentos rebeldes que ali são tecidos no miudinho de uma vida que dessorrega no junto, compondo afetos. Interessam-nos as crianças que correm pelas ruas “trupicando” em bolas e chutando paralelepípedos com maestria; interessam-nos as crianças que, mesmo diante de adultos, não fraquejam na arte

⁵ Temos aprendido com Nilda Alves, em diversos momentos de conversas e de leitura de seus trabalhos, que precisamos desenvolver outros modos de escrita e outros modos de lhe darmos com as palavras. Não podemos esquecer que a palavra tem a capacidade de nos jogar sempre em outras direções. Por isso: “A escrita conjunta desses termos tem, também, a ver com a busca de superação das marcas que em nós estão devido à formação que tivemos dentro do modo hegemônico de pensar, representado pela ciência moderna, na qual um dos movimentos principais é a dicotomização desses termos, vistos como pares mas opondo-se entre si”. (Nilda Alves, 2015, p. 154)



de criar outros corpos; interessam-nos os sorrisos, as alegrias, a pele que não teme tocar a outra. Queremos com nossa conversa, exercícios crianceiros, pois estes acontecem em criação de mundos, em resistência e invenção de modos de vida. São estes afetos que nos permitem seguir esperando os tempos abertos no incorformismo com o que sempre nos parece igual e aí estar. Regina Leite Garcia, implicada com os saberes e vidas subalternizados e com a força rebelde do cotidiano e de seus praticantes, pondera:

O problema é que o cotidiano é a hora da verdade. É ali que os grandes projetos, as grandes explicações, as grandes sínteses, as grandes narrativas e as grandes certezas são confirmadas ou negadas, e o que complica ainda mais é que às vezes a mesma certeza que num momento é confirmada, no momento seguinte é negada. É ali, no cotidiano, que sujeitos encarnados lutam, sofrem, são explorados, subalternizados, resistem, usam astúcias para se defender das estratégias dos poderosos, se organizam para sobreviver, e assim vivem, lutam, sobrevivem e, como todos os mortais, um dia morrem. Não esquecendo que uns morrem antes do que outros, dadas as condições de vida, no limite da morte, a que estão expostos (GARCIA, 2003, p. 195).

De certa forma, nossas apostas éticas e políticas com os estudos com os cotidianos, buscam fazer a crítica às racionalidades hegemônicas da modernidade em sua obsessão pela objetividade, neutralidade e racionalidade que se diz e se arroga científica, fazendo parecer que o científico é da ordem da transcendência e não da imanência. Esta racionalidade que guia modos de julgamentos hegemônicos de análise da realidade social, não nos permite perceber que, como formigas pelos subterrâneos, abrindo caminhos na força da necessidade do continuar a vida que não se pode quantificar. Não há quantificação para o abraço da menina que, depois de muita coragem, lhe conta do pai agressivo que ela tem. Nada pontua de modo correto o sorriso singelo e franco que ela lhe dá um ano depois, quando lhe conta que seus ombros não mais ardem e que ela, enfim, brinca com a irmã mais nova sem medo. A vida escapa, cria e é criada no entre e para si, através dos afetos e amorosidades que ali são tecidos, cria alianças de luta pelo tempo que for preciso, objetivando permitir o que não se pode conter, ou seja, a passagem da vida.

Em miúdos, a vida é da ordem da imanência, pura criação e invenção!

Escritas, histórias, cruzamentos e vidas: imanência

Nada no mundo supera a inventividade da vida. Em 2006, o filme *Stranger than fiction* (“Mais estranho que a ficção”) era lançado e logo se tornaria ponto de conversa



nos meios acadêmicos. Em 17 de maio de 2017, no dia que os áudios entre Michel Temer e Joesley Batista vazam, o Twitter do *House of Cards* (série norte-americana de escândalos e tramas políticas) publica sem o menor pudor: “Tá difícil competir”. Em 2019, vemos um governante presidencial anunciar um conjunto de medidas para, pouco tempo depois, voltar atrás em sua decisão e nada fazer. Isso é justamente o que se pode esperar da vida e, por isso, da imanência: tudo e nada ao mesmo tempo. Não há modos de prever os movimentos da vida, eles são, por definição, incapturáveis a não ser que exercitemos nossas habilidades sensíveis e afetivas.

As vidas criancieiras, os conhecimentos rebeldes e menores importam às pesquisas com os cotidianos! Não podemos deixar de dizer que as pesquisas com os cotidianos, para além de apostar nas micro-revoluções diárias e imperceptíveis para as nossas lentes de compreensão, também nos convocam a repensar os usos que os sujeitos comuns, fazem com as políticas de Estado e os limites do reconhecimento.

Os processos criativos e insurgentes dos sujeitos praticantes do cotidiano, diante da barbárie da macropolítica, da necropolítica, e da biopolítica fazem funcionar reflexões, fora do roteiro das políticas de governo da população, que nos ajudam, junto com muitos outros, a dizer um sonoro não aos epistemicídios, extermínios e apagamentos das desigualdades produzidas na modernidade em sua obsessão pelo progresso. Valorar os sujeitos da vida cotidiana, praticantes de si com o outro, é de certa forma, atentarmos para os desperdícios de possibilidades de existir que não podem ser capturadas no aligeiramento do tempo, que não nos permite parar para melhor nos ver. Temos aprendido com as pesquisas com os cotidianos que onde nada parece passar e acontecer, não nos faltam histórias que podem nos contar outras versões sobre nós mesmos. O que nos falta para melhor nos compreendermos são: olhos que ouvem, ouvidos que veem, palavras que desdizem e línguas gaguejantes. Não podemos negligenciar que:

Durante os últimos três séculos, nos quais se definiu e organizou aquilo que foi chamado “sociedade moderna” aprendemos com todos os setores dominantes que o modo como se cria/tece conhecimento no cotidiano não tem importância ou está errado e, por isso mesmo, precisa ser superado. Aprendemos, assim, em um processo contínuo, a não notá-lo, embora com ele convivamos todo o dia, a todas as horas, ou a naturalizá-lo, sabendo que é assim mesmo. Com isso, não o fixamos, como fazemos nos processos da ciência, não sabemos como é e menos ainda sabemos como analisá-lo para compreendê-lo e às formas como subsistem ou como se modificam.[...] Além disso, é preciso lembrar que esses conhecimentos são criados por nós mesmos em nossas ações cotidianas, o que dificulta uma compreensão de seus processos, já que não contamos com a famosa separação entre sujeito e objeto, necessária ao desenvolvimento da ciência moderna, embora hoje esteja sendo contestada. Sendo assim, é preciso admitir que precisamos mergulhar,

inteiramente, nessa outra lógica para apreendê-la, se é que podemos trata-la no singular e se é que podemos chamar de lógica, como fazemos tranquilamente com os processos do pensamento na ciência, acrescentando, é verdade, diversos adjetivos – formal, dialética, dialógica, etc. (ALVES, 2015, p.185)

Não nos basta, diante de nossa aposta na vida criancieira presente nas pesquisas com os cotidianos, saber manipular o melhor tratado epistemológico, suas credíveis metodologias e dizer com precisão. Não se trata apenas de estar apoiado nesse e naquele autor e teoria, nesta e naquela narrativa, nesse e naquele discurso, se desenvolvemos pesquisas qualitativas e ou quantitativas. Nas pesquisas com os cotidianos os paradoxos e contraditórios podem nos ensinar a dizer, problematizar e pensar diferente o que suponhamos já saber. Nas pesquisas com os cotidianos, chuva e sol, doce e salgado, noite e dia, bruxa e fada, não precisam fazer funcionar a permanência dos polos binários excludentes. As pesquisas com os cotidianos se abrem para a complexidade e o caos. Tudo isso é pouco, diante do compromisso ético que estabelecemos com os sujeitos e realidades que produzimos em pesquisa feitas em (des)aprendizagens. Sua produção é um ato de atenção e de cuidado com o outro e com os efeitos de realidade e de sujeito que fabricamos com nossas produções.

Temos aprendido, criando-nos em pesquisas que nos permitem (des)aprendizagens com nossas certezas e verdades, que é preciso estar apaixonado, tombado e ex-posto com o que nos mobiliza! Estar apaixonado com o ato de pesquisar, com o tempo-espço do pesquisar e com os sujeitos de nossas pesquisas, parece ser a condição que nos faz desdobrar em perguntas que se perguntam. Só faz pesquisa com os cotidianos quem se permite criar, tem desejo por saber o que ainda não se sabe e paixão por uma vida que pode ou não ser a sua. Por isso, as crianças enquanto podem, são potencialmente pesquisadoras nos/dos/com os cotidianos. Com elas, presenças raras em nós, aprendemos ao nos pesquisar e nos praticar sobre metodologias de pesquisas criancieiras. Com essas raras presenças em nós, basta com elas (con)vivermos, (re)memoramos, fabular, ficcionar e nos colocarmos em (des)aprendizagens de tudo aquilo que nos gruda como identidade e familiar. A este respeito, não podemos esquecer que foi em atos de (des)aprendizagens criancieiras e nos processos culturais de corpos encarnados em exercícios de perguntas sobre nós mesmos, que as redes de conhecimentos e significados foram e são tramadas em operações de pesquisa. Não buscamos nas pesquisas com os cotidianos nomes inaugurais! Eles sempre fogem para outras paragens e descaminhos. Não foram as certezas que nos trouxeram até aqui e sim a nossas dúvidas.

A ciência não brotou de um homem, nem foi o produto da concepção imaculada de um método abstrato e universal, senão a criação híbrida, plural e multifacetada, engendrada por uma comunidade na qual conviveram e se fertilizaram mutuamente religiosos e magos, artesãos e filósofos, engenheiros e comerciantes, matemáticos e experimentadores, aristotélicos e neoplatônicos, místicos e racionalistas, numa verdadeira orgia de pensamento-ação-percepção-criação. (NAJMANOVICH: 2003, p.43)

E com Denise Nadjamanovich, acrescentamos que a ciência não brotou de um homem e uma mulher cisheterossexual. A ciência não brotou de um homem trans e de uma mulher trans/travesti. A ciência não brotou com um homem/mulher negro/a, indígena, branco/a. A ciência não brotou com o sol, com água, com o vegetal, com o animal. A ciência não brotou de um Deus, nem com a ausência de um Deus, nem com a sua multiplicidade. A ciência não brotou de uma igreja, nem de uma escola. As ciências brotaram e brotam todos os dias com as crianças, com homens e mulheres crianceiros. As ciências híbridas, no plural, brotaram com nossa humanidade e com o que dela fazemos e fizeram de nós. Somos todos pesquisadores. Carlo Ginzburg (1989, p. 151) faz de todos nós, sem distinção, pesquisadores quando nos diz que:

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufos de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas.

Somos pesquisadores de nossas vidas, caçadores de nós mesmos. Na medida em que viver é movimentar-se, traçar estratégias, criar dispositivos, tecnologias, inventar caminhos e caminhadas, buscamos na produção de condições para uma existência demasiadamente encarnada, encontrarmo-nos com nós mesmos. Dessa forma, pesquisar, caçar, farejar e brincar são movimentos de viver a vida, produzir a si e o mundo, e não apenas representa-lo ou inquiri-lo sobre sua suposta verdade. Somos nós a verdade do mundo, sempre provisória sob nossa rebeldia crianceira criacionista.

Criancerias rebeldes em pesquisas com os cotidianos

As perguntas crianceiras, complexidades desejanças, dobras e desdobras de percepções e sensações curiosas, dispara atenção rigorosa com o que acossa, sussurra, faz



coegas e nos faz deslocar, atentos que ficamos com o que nos passa, cruza, entrecruza, desvia e acontece. Ah, as crianças, essas raras presenças que andam entre nós, que não almejam a conformada identidade da infância e que nada buscam ensinar a ninguém, podem nos oferecer pistas criadoras e desafiadoras para pensarmos metodologias de pesquisa. José Machado Pais (2003, p. 33), sociólogo da vida cotidiana, pensamento inquieto, força criança com quem estabelecemos conversas interessadas na composição desta escrita, nos informa que etimologicamente, “método significa caminho e caminho se faz ao andar...”. Com Pais (2003) compreendemos que o pesquisador/a, manipulando perguntas em exercícios (des)aprendentes, em atos crianceiros, na condição de caminhante, faz o método acontecer.

Os métodos de pesquisas, disparados pelas perguntas inconformadas com o já sabido e já dito, insatisfações com as histórias já contadas, abrem possibilidades para outros sentidos da vida. Por isso, crianceiramente, fazendo perguntas no crescente da pergunta, uma pesquisa se faz acontecer pelo meio, puxando fios dispersos de redes de conhecimentos, atando nós aqui, para desatá-los logo a frente. Se tens pergunta, continue... Perguntas potentes, energia vital de um/a pesquisador/a apaixonado/a é sempre um convite para o rastejar, engatinhar, andar de mãos dadas com quem se confia no ensaio dos primeiros passos, abrindo condições para ir. Ir não significa ligar em linha reta um ponto ao outro. Ir, criçando-se, se faz entre tombos, retrocessos, desvios, descaminhos e quando preciso, paradas obrigatórias. Lá onde paramos e abrimos tempo, para melhor nos pensar, podemos nos aperceber daquilo que nos passa, nos afeta e nos transforma. Interessa-nos, comprometidos com a produção de outros mundos, afirmar, construir, desconstruir e também, no miudinho, ali, onde nada parece passar, fragilizar os cânones epistemológicos das racionalidades adultizantes que nos impedem de acessar outros modos de vida e outras racionalidades rasteiras.

Aprendemos, enquanto contamos num pique-esconde, que pesquisar requer encontrar a criança que se esconde atrás da gente, a que se esconde atrás de uma planta a olhos visíveis. O olhar dessa pesquisa crianceira não é o que enxerga o óbvio – o corpo da criança que não consegue se esconder –, mas um olhar que se coloca a perguntar pelas percepções daquele olho que olha e não vê. Onde achamos estar tudo à mostra é que conseguimos encontrar nuances do imperceptível. Entre as folhas de uma samambaia, encontramos um olho castanho tão vivo que nos faz perguntar se é efeito do verdume que o cerca ou da vivacidade de sua brincadeira.



Experiências crianceiras (des)aprendentes, que dizem de outros mundos, dentro de nosso mundo, não nos faltam, o que nos falta é atenção e *tempoespaço* para atenção. Uma pesquisa crianceira e os modos crianceiros de fazer pergunta e caminhar, podem muita coisa! Com as pesquisas com os cotidianos e com as crianças em dissidências, insatisfeitos com o que dizem da vida que pulsa e transborda, onde nada parece passar, porque feito de rotina, mas não do sempre igual, temos aprendido a ouvir o barulho da relva crescer e nos esperar com os processos inventivos e formativos dos que por ali resistem e não esperam autorização para insurgir como presenças crianceiras, que ao fazer perguntas à vida e ao mundo, pesquisam. Nessas pesquisas acriançadas, o direito a diferença tem sido uma construção comum a favor de um mundo mais plural.

Com esses modos de fazer pesquisa, temos buscado afirmar os sujeitos praticantes da vida cotidiana diante das situações limites em atos de conversação e narração. Por isso, mas não só, um modo de fazer pesquisa com os sujeitos dos/nos/com os cotidianos e o que nele se passa, onde nada parece passar, tem fomentado produções de conhecimento contra-hegemônicos-insurgentes, que contam e produzem outras histórias, outros corpos, gêneros e sexualidades. Por gostarmos de brincar com os usos que podemos fazer das intenções metodológicas temos convocados para algumas brincadeiras de pesquisa, crianças que brincando, profanam as formas comportadas de brincar e de pensar a brincadeira. Para pensar os sujeitos em pesquisa, temos feito redes brincantes, que fazem reluzir presenças infames e dissidentes. Algumas crianças brincantes em pesquisas, as que nos ajudam a ver o que não conseguimos ver sozinhas, já nos são conhecidas de tempos dentro do tempo! São rostos de crianças que nos contam, em sonhos e brincadeiras, sobre a surra que levaram por passarem a tarde brincando no telhado. “Levei umas boas chineladas!” diz o menino rindo, mas é exatamente isso: ele conta rindo, como quem diz que a travessura da vida vale muito mais do que o exercício do controle. Estas crianças, as que gostamos de com elas brincar, não precisam de reconhecimentos e riem-se de certos usos do controle e do real. Em nossas brincadeiras de pesquisa, temos nos encontrado com crianças bem levadas, essas que possuem a arte de encantamento, do re-aparecer e de fazer a brincadeira sempre parecer uma outra! São presenças que movimentam corpos e desejos.

Nossas companhias em pesquisas brincantes são crianças malditas que tiram sono e nos pregam sustos. “Professor, você acha que nove anos é muito cedo para beijar na boca?”, pergunta uma dessas crianças. “É que eu já beijei e vou fazer nove mês que vem... mas não sou obrigada a nada e o menino era uma gracinha!”. Nesse momento lembramos

de alguns brincantes que nos ajudam a prestar atenção em detalhes das vidas que escapam as tentativas de trancafiamento nas escolas do pensamento bem organizado. Idade certa, políticas da idade correta, da idade ideal, políticas das pedagogias etárias, das psicologias do desenvolvimento. Entre elas, a imanência parece passar longe!

Temos brincado, a partir das redes de conhecimentos e afetos com as quais nos constituímos em brincantes, com algumas apostas epistemológicas, que nos indicam intenções metodológicas. Apostas que fazem críticas a um certo modo hegemônico que busca organizar a vida a partir de mitos fundacionais e de histórias que já se fizeram conhecidas. Em nossas redes brincantes com a pesquisa, cabem crianças de muitos jeitos e trejeitos. Lembramos de algumas crianças, que, por serem nervosas e irrequietas, não nos deixam delas esquecer. Quando estas crianças, nossas crianças, nós crianças, entram na brincadeira de pesquisa, nunca sabemos ao certo do que iremos brincar! A brincadeira se faz acontecer experimentando o que temos de precioso em nossa caixa de brinquedo. Brincamos não o tanto que gostaríamos com algumas crianças. Mas, essas crianças sempre estão dispostas a embarcar numa nova aventura. Não se cansam e não se conformam com as nossas monotonias. A brincadeira não se fecha pelo simples fato de alguém falar que não se tem chuva com sol. Nossas brincadeiras se fazem de e... e... e. E o que estas crianças com seus pensamentos possuem em comum: uma insatisfação como as formas comportadas de ver, sentir, dizer e escrever o mundo. No limite, porque nem toda criança com quem brincamos precisam de um nome, não podemos deixar de mencionar a importância e a alegria que nos causam em nossas *brincadeiraspesquisas* a chegada nervosa e sempre nova de Michel de Certeau, Carlos Ginzburg, José Machado Pais, Nilda Alves, Regina Leite Garcia, Ines Barbosa de Oliveira, Carlos Eduardo Ferrazo, Silvio Gallo, Jorge Larrosa, Carlos Skliar, Denise Nadmanovich, Michel Foucault, Judith Butler, Paul Beatriz Preciado.

Brincando com estas crianças e com as que não conhecemos, porque não se faz necessário, temos aprendido em atos de pesquisar a desejar a pesquisa como ação e acontecimento. Com as muitas crianças com quem brincamos, palavras não são nunca uma coisa só. As palavras com as pesquisas criancieiras deslocam-nos e se deslocam. Essas crianças, bocarra do mundo, em nossos modos de pesquisar, convocam-nos a vivermos o rigor de nossas pesquisas, sem nos esquecer de uma atenção com nossas apostas éticas e políticas. Em pesquisa, seguimos o que nos ensinam estas Crianças. E, em cada presença criancieira, restos do humano, sobrepostos nos pergaminhos de nossas histórias e aprendizagem com o outro, convocam-nos a movimentos e curiosidades.

Nesses pergaminhos, podemos, com cuidado e a delicadeza do toque, decifrando línguas menores, ler como exercício metodológico e de coragem, muitos convites. Decifrando e também intuindo, encontramos rastros de crianças que dizem;

Aventure-se, pois ser o mesmo é muito chato;

Abra, todos os buracos que foram interditados – olhos, nariz, boca, ouvidos e... e...e...;

Apaixone-se, todos os dias pelo brinquedo e a brincadeira;

Brinque, de tudo e com tudo, numa brincadeira, nada é proibido;

Comece, nunca pelo início, mas puxando fios de uma rede infame de conhecimentos mundanos;

Desconfie, das histórias e narrativas que fazem boi dormir! Nelas as bruxas e as crianças levadas quase sempre morrem ou são trancafiadas;

Escreva, com a vida e com os sentidos de uma vida;

Fale, línguas perguntantes! Pergunte de tudo e sobre tudo! Pergunte de novo, de novo e, e, e;

Gargalhe, principalmente dos discursos sérios;

Humanize-se, com a diferença que se recusa a mesmidade.

Junte, tudo que lhe faça sentido e guarde para outra brincadeira o que naquele momento não produz sentido;

Leia, pelos meios e nas fronteiras. Não se esqueça, na origem o ovo zomba da galinha.

Ouçã, tudo, ouçã de novo, atente-se para os ruídos, o barulho da relva crescendo, do vizinho que chega de surpresa e da chuva quem vem ao longe;

Perambule, para fora e para além das rotas das políticas de captura da infância. Por esses caminhos nos tornamos presas fáceis;

Rasteje, como seres rastejantes e não se permita esquecer do movimento frenético de bichos e bichas entre moitas e desertos do conhecimento. Rastejando, corpo no chão, como bichas e bichos, vai...

Solte, as mãos dos adultos com verdades cristalizadas pelo tempo da adultez e suas arrogâncias com os discursos de verdades.

e...e...e...;

Temos aprendido com estas crianças conhecidas por alguns de nós, em suas diferentes alianças teóricas, a fazer uso de metodologias de pesquisa, como se faz uso de uma ferramenta e ou de um brinquedo. Podemos sim brincar com autores e autoras e para além disso, com os seus brinquedos. Um alicate, uma chave de fenda, uma faca, uma gilete, um pedaço de corpo de boneca etc, podem, mediante necessidade do praticante em seu exercício de pesquisa, serem convocados a usos que não estavam previstos e que não

se pode prever. É a criança que rouba o gravador do pesquisador para fazer música, é o moleque que fala, descarado, que só vai conversar se rolar bala, doce, paçoca.

Pesquisa é produção *na* materialidade da vida. Ou seja, as teorias com suas metodologias, precisam estar a nossa disposição, como as ferramentas e brinquedos, para usos, montagens e desmontagens. Em nossas experimentações em pesquisa, temos procurado ficar atentos para o fato de não deixar o brinquedo definir a brincadeira e sim que a brincadeira faça o uso possível do brinquedo. Como atenção, como brincadeira que faz uso do corpo de boneca para construir uma outra boneca ou outras coisas que a imaginação lhe permitir, temos tentado não deixar que o método anteceda a pesquisa.

O método é criado *na* pesquisa. Daí, portanto, a necessidade de falar de tantos métodos, de tantos (contra)métodos. Não são segredos ou cartilhas partilhados entre colegas como uma cola que rola entre uma prova, antes, soa mais como a brincadeira de telefone sem-fio porque, a cada vez que as regras metodológicas são levantadas, elas são modificadas para atender às especificidades da pesquisa.

Vivendo, pesquisando e criando métodos, tudo junto e misturado num exercício de enação como diríamos com Francisco Varela (1993), conhecendo pela ação que provocamos no mundo, criando-o e modificando-o. A pesquisa crianciera não soluciona problemas, ela os cria a todo tempo, e sempre responde problemas com mais problemas, é pela “bagunça” que se criam os métodos com a pesquisa, na medida em que, as crianças pesquisadoras coemergem com o mundo. É na bagunça que uma criança pesquisadora se encontra.

A brincadeira com a pesquisa não termina: re-começa

Nessas andanças em que nos colocamos e também somos convocados pela interpelação do presente e de um mundo que nos faz desassossegar diante à barbárie das forças de Herodes e a precarização da vida, somente pensando a pesquisa e suas metodologias como brinquedo e brincadeira é que podemos nos alegrar e esperar. As pesquisas e as brincadeiras de pesquisa com os cotidianos e com os cotidianistas tem nos servido de palco e arena de luta. Muitas possibilidades de brincadeiras se abrem nas pesquisas com os cotidianos, mas, para esses brincantes que escrevem este texto, gênero e sexualidade têm funcionado como caminho de passagem para pensar e problematizar as múltiplas crianças que somos, as que nunca seremos, as reais e nada reais. Nas pesquisas com os cotidianos podemos inventar, ficcionar, fabular e re-memorar e pelo

meio, começar de novo. As brincadeiras das pesquisas, ficam melhores com a chegada de mais um. Nas pesquisas criancceiras com os cotidianos a mesmidade é muito chata. Nesse exercício aprendente com a potência criança, dos que se colocam em pesquisa com os cotidianos, temos feito usos de pensamentos criancceiros e de apostas políticas a favor de uma vida que transborda a fixidez das singularidades localizadas e pessoalizadas. Muitas crianças se veem contempladas como sujeitos em nossas pesquisas. Afinal, somos nós pesquisas.

As crianças pesquisadoras, se ocupam de experimentações com os brinquedos de suas caixas de ferramentas, pelo tempo que com elas, os brinquedos e as brincadeiras produzirem sentidos. As crianças, estas que escrevem este artigo, não tem o habito de jogar brinquedos fora. Seus brinquedos viram outras coisas, lembranças, memórias, um traço, um risco, ganham usos novos. As ferramentas como brinquedos, voltam sempre que a brincadeira as chamar, pela necessidade e porque sentem saudades. Temos sentido saudades de brincar com Paulo Freire. Alguns brinquedos nunca ficaram velhos. Somos nós que envelhecemos e esquecemos de algumas crianças, de alguns brinquedos e brincadeiras. Crianças, brinquedos e brincadeiras se guardam, ainda que seja no baú da memória, não como representação apenas, mas como experiência concreta vivida e marcada no corpo que envelhece apesar de cheio de crianças, brinquedos e brincadeiras.

Em atos experimentativos, desses que não seguem roteiros e os tradicionais manuais de instrução, com medo de incorrer em erros, desvios, derivas e perder o caráter de científico com os métodos quantitativos que nos oferecem margens seguras matematizadas, as práticas criancceiras em pesquisa, as que não abrem mão de brincar, da brincadeira, da alegria e da felicidade, acontecem à medida que o que se guarda não se conserva. As caixas de ferramentas guardam em si, sentidos e tesouros de vidas. E é por isso, que transbordando como crianças, recorremos a um fragmento de Fernando Pessoa (1980, p. 238), no poema: Passagem das horas. E ele diz,

Trago dentro de meu coração,
Como num cofre que se não pode fechar de cheio,
Todos os lugares onde estive,
Todos os portos a que cheguei,
Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias,
Ou de tombadilhos, sonhando,
E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que quero.

As experimentações criancceiras, apelos criantes de uma vida que se faz em pesquisa, tem funcionado em nossas inserções no mundo, com a educação e os processos



formativos, aos modos do conhecido caleidoscópios [brinquedo de criança] que num simples movimento, balançar, remexer e ver de novo, faz alterar em movimentos o campo de visão e de compreensão do já visto, sabido, feito e dito.

Nos colocamos nesse movimento brincante de usos caleidoscópicos de palavras que pulsam para pensar questões metodológicas, embolando-nos em fios de histórias singulares e de experiências plurais com o corpo, gênero e sexualidade. O movimento de embolar, de mexer e remexer se faz acontecer, por compreendermos nossos limites e por saber que não temos pretensão em desembolar, muito menos decifrar e devorar a complexidade dos pergaminhos, que ao experimentar outros modos de pensamentos foram nos deixando pistas, rastros e pegadas a favor de um mundo mais justo e igualitário. Dizemos isso, uma vez que compactuamos com Peter Brook (1995, p.15) quando ele nos diz:

Nunca acreditei em verdades únicas. Nem nas minhas, nem nas dos outros. Acredito que todas as escolas, todas as teorias podem ser úteis em algum lugar, num determinado tempo. Mas descobri que é impossível viver sem uma apaixonada e absoluta identificação com um ponto de vista. No entanto, à medida que o tempo passa, e nós mudamos, e o mundo se modifica, os alvos variam e o ponto de vista se desloca. Num retrospecto de muitos anos de ensaios publicados e ideias proferidas em vários lugares, em tantas ocasiões diferentes, uma coisa me impressiona por sua consistência. Para que um ponto de vista seja útil, temos que assumi-lo totalmente e defendê-lo até a morte. Mas, ao mesmo tempo, uma voz sussurra: “Não leve muito a sério. Mantenha-o firmemente, abandone-o sem constrangimento.

Estas histórias complexas tecidas por forças corajosas que nos antecederam, fazendo problema e crítica aos discursos de verdade - é o que nos convoca, na condição de chegantes a este mundo, ao direito de sonhar e esperar, na condição de mais um à reflexões e inflexões crianceiras que tangenciam corpo, gênero e sexualidade como exercício político. Com nossos corpos marcados, com os dispositivos da sexualidade, de raça, classe, geração, território, como crianças, estamos sendo interpelados ao exercício aprendente do fazer pesquisa, com os apelos de uma vida que transborda e deixa fios soltos para novos investimentos e composições. Gênero, sexualidade, intenções de pesquisas frágeis como a vida, nos fazem aliançar parcerias com aqueles e aquelas que não desistiram e não desistem no presente, em garantir o direito de nascimento, aparecimento e florescimento!

Falamos em nossas pesquisas de nascimentos, aparecimentos e florescimentos. Por isso, a potência criança, força do novo, da artistagem do acontecimento de uma vida

que se faz no meio, que produz pane na maquinaria da infância e pânico no poder pastoral, tanto nos interessa.

Se acreditamos que somos feitos de histórias, não podemos deixar de aqui mencionar que a criança como novidade em pesquisa, atrevidas que são em atos de aparecer nos fazem companhia desde muito. São com as crianças em dissidências que nos aprumamos na magia e alegria da pesquisa, dispostos que estamos com elas a aprender e brincar. É na dissidência com a sexualidade que uma certa atenção se faz acontecer entre nós, desafiando o conforto do pensamento e das metodologias de laboratórios, que se arrogam o direito de dizer, prescrever e também decidir o quanto vale uma vida. É só onde as infâncias não são tão certinhas que histórias reais se efetivam, roubam cena, fazem caras. História das infâncias bem educadinhas são apenas gráficos, fluxos. As infâncias atrevidas e ariscas são páginas inteiras, ou, no mínimo, aquela nota de rodapé escandalosa. Essas crianças, malditas crianças, as que dizem não e fazem problemas das formas comportadas para o dispositivo da infância e da sexualidade, tem sido, a partir de uma vida, as nossas, a convocação para as pesquisas que temos desenvolvido com os cotidianos e com as crianças cotidianas.

Em nossos exercícios brincante de fazermos pesquisas, temos buscado garantir com muitas outras crianças o direito de aparecer, crescer e florescer. Nossas brincadeiras de pesquisa são feitas no estranhamento com o presente, que insiste em expandir a maximização da precariedade de vidas que em alguns planos políticos não são dignas de serem vividas e muitos menos qualificadas como vidas. São estas vidas, as nossas, a sua e de muitos outros que tem nos interpelado a fazer caminhos investigativos crianceiros, na justa medida em que nos colocamos a pensar sobre as proposições políticas do ato de pesquisar “com”.

Referências

- ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho** – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. (orgs). Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ALVES, Nilda. **Interrogando uma ideia a partir de diálogos com Coutinho**. In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa. (orgs.). Nilda Alves: *praticantepensante* de cotidianos Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- BROOK, Peter. **O ponto de mudança**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileiras, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- G1. Sob ameaça de cortes no governo Bolsonaro, cursos de ciências sociais e humanas concentram diversidade racial. 09 jun. 2019. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/09/sob-ameaca-de-cortes-no-governo-bolsonaro-cursos-de-ciencias-sociais-e-humanas-concentram-diversidade-racial.ghtml>>.

Acesso em: 16 jun. 2019.

GARCIA, Regina Leite. **A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano**. In: GARCIA, Regina Leite. (org.). Método; Métodos; contramétodo. São Paulo: Cortez, 2003.

GAZETA DO POVO. Dez monografias incomuns bancadas com dinheiro público. 13 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/dez-monografias-incomuns-bancadas-com-dinheiro-publico-a8q52qvze7py9r8qavfieakyl/>>.

Acesso em: 16 jun. 2019.

GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

NAJMANOVICK, Denise. O feitiço do Método. In: GARCIA, Regina Leite. (org.). Método; Métodos; contramétodo. São Paulo: Cortez, 2003.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

PESSOA, Fernando. **O Eu profundo e os outros Eus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

VARELA, FRANCISCO. **Conhecer: as ciências cognitivas, tendências e perspectivas**. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.

VARELA, FRANCISCO. O reencantamento do concreto. São Paulo, **Cadernos de subjetividade**. Vol. 1, n. 1, p. 71-86, 1993.

Recebido em: 12/10/2019

Aceito em: 20/12/2019